

# PRODUZINDO FONTES PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA ORAL NO PROJETO “LINGUAGENS CONTEMPORÂNEAS NO ENSINO E PESQUISA DE HISTÓRIA”<sup>1</sup>

Laércio Teodoro da Silva<sup>2</sup>

Cláudia Engler Cury (orientadora)<sup>3</sup>

Este trabalho surgiu a partir de reflexões e experiências que permeiam o andamento do segundo ano do projeto *Linguagens Contemporâneas no Ensino e Pesquisa: história oral, filme, fotografia e produção de documentários*; etapa em que o grupo que compõe o projeto se voltou exclusivamente em torno do acompanhamento do curso de Licenciatura Plena em História para os Movimentos Sociais do Campo, em funcionamento no campus I da UFPB desde 2004<sup>4</sup>. Este projeto é ligado ao *Programa de Licenciatura* da Universidade Federal da Paraíba, e por meio do acompanhamento e registro das atividades do curso de História para os Movimentos Sociais do Campo, nos propomos a discutir a relação ensino-pesquisa de História e o contato do profissional de história com linguagens historiográficas “contemporâneas”. *Qual o lugar das fontes orais, fotográficas e filmicas diante das fontes históricas tradicionais para pesquisar e ensinar história? Como o historiador pode se comportar diante das fontes “alternativas”? Quais os trabalhos que vêm estruturando o lugar dessas fontes no trabalho do historiador de resgatar o passado, principalmente das sociedades silenciadas pelas fontes oficiais?* São reflexões que fazem parte do nosso trabalho. Este projeto busca registrar e acompanhar as ações dos alunos num presente que logo se tornará passado e que gostaríamos que não fosse esquecido. Buscamos ressaltar o papel do historiador em perceber o potencial da ação de indivíduos, no tempo presente, em se constituir como história. A ação desses indivíduos, ou desse grupo, desperta o nosso interesse e a necessidade de entendermos o tempo e o espaço que constitui essa primeira turma, para que a partir dessas reflexões possamos eleger o que é pertinente de registro, para que mais adiante pesquisadores possam se debruçar sobre nossa produção e reconstruir a história dessa turma por meio de uma memória preservada.

A experiência de funcionamento desde curso de História é pioneira no Brasil e completa dois anos em 2006 passando pela avaliação que é prevista para os novos cursos superiores que são implantados. Esta experiência vem atender às demandas sociais que reivindicam a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Cultura Histórica e Linguagens Historiográficas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista PROLICEN.

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>4</sup> Neste segundo ano (2005.1-2005.2), que acontece em 2006, o projeto coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Rodrigues Behar e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Engler Cury, conta com a participação dos graduandos do curso de História da UFPB, Helder Oliveira, Janaína da Silva Bezerra, Laércio Teodoro da Silva e dos alunos do curso de História para os Movimentos Sociais do Campo, Eduardo Lisboa Santos e Maria Elisvania Melo da Silva.

formação educacional, tanto em nível básico (fundamental e médio), quanto superior, previsto na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (Lei 9.394/96). Essa formação educacional, que é direito de todos, dá suporte à formação intelectual e profissional de movimentos sociais, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), este último compõe mais de 90% desse curso. Como ressaltou Behar e Gomes:

Esse novo campesinato, que emergiu das lutas dos anos oitenta, envolvendo diversas tendências políticas, entre elas a que sustenta o MST, tem a educação, vista num sentido amplo, como um dos seus pilares e de suas principais reivindicações. Em relação a essa questão é necessário reconhecer, como assinala Gohn, que existe um caráter educativo intrínseco aos movimentos sociais, vinculado à consciência de um lugar no mundo e, partindo desse lugar preparam seus participantes para o exercício de um papel político. Isso lhes permite o acesso informações que possibilitam conhecer o funcionamento da engrenagem social e da máquina pública, das leis e dos direitos sociais fundamentais. Tal conhecimento, por seu turno, os habilita a uma posição de “ruptura com a postura tradicional de demandatários de bens de consumo coletivo: não se espera o cumprimento de promessas, organizam-se táticas e estratégias para a obtenção do bem por ser um direito social”.

A educação anda lado a lado com a construção do ideal do MST. Incentivando o setor educativo, o movimento investe na formação política de seus integrantes, sendo esse curso de grande dimensão para o fortalecimento do pensamento do MST, já que a maior parte dos alunos faz parte dos setores de Educação e Formação do movimento, ou seja, professores e articuladores políticos.

Quando Behar e Gomes consideraram “que essa experiência [desse curso superior de História], pelo seu potencial de inovação pedagógica e cultural, [teria] repercussões tanto pedagógicas como políticas, no âmbito da UFPB e do curso regular de graduação em História”, já tinham noção da dimensão que esse curso tomaria a partir do início de suas aulas. As discussões de implantação do convênio tomaram uma grande dimensão, e os envolvidos nesse projeto já atentaram para esse fato e iniciaram desde então o registro oral das reuniões decisivas para a aprovação do curso superior para os movimentos sociais que atuam em acampamentos e assentamentos de reforma agrária.

Percebemos o interesse da turma em deixar uma marca, então estamos registrando essa experiência, com interesses de pesquisas futuras, nossas e de outros interessados no tema, para que esse fenômeno não se perca e que nossos registros possam ajudar a compreensão desse sistema para ajudar a implantação de outros cursos de História, ou outros de natureza semelhante; como também, por exemplo, ajudar a compreensão de como o novo currículo para o curso de História da UFPB vem funcionando, já que esta turma possui um novo Projeto Político Pedagógico que também será empregado no curso regular de História da UFPB.

Esse curso vem deixando uma extensa documentação escrita nas diversas instâncias da UFPB: coordenação do curso, departamento, reitoria, centro, entre outras. São atas de reuniões departamentais e de colegiado de curso, cadernetas, matrículas, entre outros documentos oficializados pela universidade. Por meio destas fontes podemos chegar, por exemplo, aos dados estatísticos que nos dizem quais as regiões de procedência destes alunos, sexo e faixa etária da turma; por meio das notas, chegamos ao desempenho nas disciplinas, entre outras informações que o pesquisador poderá retirar destas documentações.

Porém, as fontes burocráticas não nos dão a dimensão da ação e do sentimento dos indivíduos envolvidos neste curso. E como já apontado neste texto, as fontes que produzimos vão além da documentação escrita, logo o registro fotográfico, a produção cinemática e os registros de história oral procuram captar um universo de informações que jamais poderiam ser encontrados nos registros institucionais. A utilização dessas fontes pode dar voz e rosto àqueles que não se expressam nos documentos oficiais que trazem o ponto de vista das autoridades; além de inserir o pesquisador na construção de uma história desde a produção das fontes. Neste caso há uma diferença entre as fontes oficiais e a lida com a história oral:

A diferença básica é que, enquanto no primeiro caso a ideologia se cristaliza em um momento qualquer do passado, na história oral a **versão** representa a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente negativa, de 'reconstruir' e totalizar, reinterpretar o fato. A história oral tem também o mérito singular de introduzir o pesquisador na construção da versão, o que significa introjetar no documento produzido o controle sistemático da produção da própria fonte[sic] (ALBERTI Apud LANG, 1996, p. 44).

Aventuramo-nos em campos onde a história ainda caminha discretamente, como a fotografia e a produção de documentários. A fotografia como fonte para a pesquisa histórica ainda não tem o status como para os antropólogos e para os sociólogos. Com a produção de documentários atuamos numa área onde geralmente o historiador participa apenas como consultor, ou como locutor de algum evento histórico contado pelo documentário. Num primeiro momento, quando da chegada dos alunos para o primeiro módulo de aulas, a captação de imagens se deu aleatoriamente, por volta de 7 horas de imagens captadas, o que resultou no documentário *Bandeiras Vermelhas*, de 30 minutos. Na segunda etapa do projeto, foi construído um roteiro e captado 1(uma) hora de imagens para um outro documentário que pretende abordar as relações entre memória e identidade. Tanto com a fotografia, quanto com os registros cinemáticos, lançamos um olhar antropológico com a preocupação de preservar o presente, não deixando de lado a apreensão com um rigor estético e com o conhecimento das tecnologias utilizadas nestes processos. No interior das discussões que fazemos para a execução do projeto também se dá um treinamento dos

participantes para o relacionamento com as câmeras fotográficas, filmadoras e com os gravadores. Aqui se ressalta além do uso de outras linguagens, a utilização da tecnologia para o conhecimento histórico aliada ao rigor teórico-metodológico da história dos aparatos técnicos para construção e difusão de fontes e das histórias. Todas as imagens captadas irão compor um acervo documental com as demais fontes; dessas imagens podem surgir outros documentários diferentes dos nossos. Ao fotografarmos e filmarmos, mantemos uma interação com os alunos, e essa interação deve ser levada em consideração quando das reflexões sobre estas fontes. Na produção de registros deve haver uma interação com os indivíduos, deixar que estes se sintam a vontade para manifestarem seus pontos de vista; o pesquisador que tem seu “objeto” de estudo a seu lado deve tirar proveito ao máximo desta experiência para suas reflexões, não esquecendo a dimensão das relações humanas.

Nas filmagens se capta o cotidiano da turma, suas ações, expressões e sentimentos. Nestas produções cinemáticas, além das imagens, os indivíduos também falam o que sentem, fazendo com que saiamos da mera observação e registro à distância. A voz projeta as sensações da turma referentes às suas experiências. Concomitantemente, a experiência da história oral se insere como central neste projeto. As próprias entrevistas, ou seja, o ato de entrevistar lança luz sobre o que é digno de registro que diga respeito a este curso e sobre nossas discussões: a relação entre a teoria e a prática em torno da história oral; os eixos temáticos para próximas entrevistas e para os roteiros de documentários a serem realizados pelo projeto e o registro fotográfico, que também tem relação com as impressões que temos por meio das entrevistas.

A história oral permite que se expressem os diversos pontos de vista. Dar voz ao objeto, deixar que ele fale por ele, é torná-lo sujeito ativo na construção da história. A história oral permite que as vozes daqueles silenciados pelas documentações oficiais tenham vez na produção da história, os mais interessados nas histórias que são escritas sobre eles. É tornar a história mais democrática, como defende Paul Thompson, em *A voz do passado*; mais que isso, é multiplicar os pontos de vista sobre um mesmo passado e ampliar as formas dele ser resgatado e escrito.

Os depoimentos explorados dizem respeito à relação entre as memórias individuais e coletivas. Essas memórias, condicionadas aos interesses do sujeito, podem vir mescladas por realidade e/ou fantasias, mas são de total importância para compreensão deste sujeito. Tudo que é dito é digno de registro e pode servir de fonte para os mais variados interesses de estudo. Mas o que não é dito também é importante, o mentir ou omitir pode vir cheio de significados. Os próprios silêncios, tanto do pesquisador, quanto dos entrevistados, já constituem o centro dos interesses de várias pesquisas que envolvem os registros de história oral.

O silêncio reverbera, nos diz muito, principalmente por nos fazer perceber uma interação mais profunda do depoente com seu interior. Quando os entrevistados são levados a rememorem algo de suas vidas, é quase certo que as memórias tragam consigo sentimentos de dor, alegria, entre outras sensações, que podem ser expressas por palavras ou pelo silêncio. Nas imagens estes silêncios trazem consigo expressões que podem explicar melhor esta atitude; que também pode significar recusa em responder a um questionamento e pode se relacionar com os esquecimentos, que é um dos principais motivos de ataque daqueles que não reconhecem o potencial dos registros orais. Os ataques recaem sobre a memória, por conta da sua fragilidade, de seus relatos fantasiosos e da sua intencionalidade. Porém, bem conhecemos as intencionalidades a que qualquer registro e depoimento estão sujeitos. Vê-se aqui que estamos de acordo com as correntes que não se preocupam apenas com a veracidade das informações, mas também com as motivações, as subjetividades e os silêncios dos depoentes e dos pesquisadores.

A atitude do pesquisador também é levada em consideração. O nosso trabalho não se resume apenas à produção sistemática de registro, apesar de a experiência ser a melhor forma de entendermos o tempo e o espaço que constitui este curso, como também de avançarmos no aprendizado destas metodologias, como diz Thompson: “o historiador vem para a entrevista para aprender: sentar-se ao pé de outros que (...) sabem mais a respeito de alguma coisa” (1992, p. 32). E esse aprendizado é enriquecedor para avançarmos no trato da metodologia e com o entendimento do curso que se dá no transcorrer da produção de fontes. Mas no decorrer do projeto o nosso procedimento nas produções das fontes e a nossa relação com os alunos é o centro das reflexões. O nosso trabalho também se dá no âmbito das discussões teóricas sobre as linguagens que trabalhamos e sempre levamos em conta as reflexões conjuntas com o trabalho prático. Neste caso, também somos objetos. Quanto a esse tipo de postura Lang diz:

A meu ver, apenas a utilização de fontes orais, mesmo se coletadas pelo pesquisador em uma entrevista, onde a interação pesquisador-pesquisado se faz presente, realizada em função de um projeto de pesquisa e a partir de um critério de escolha dos entrevistados, não configuraria um trabalho de História Oral. O fator distintivo da pesquisa de História Oral está justamente na preocupação com a reflexão que acompanha todo o processo, levando a contínuas modificações. Não se colocando uma fase análise posterior à coleta de dados, mas também concomitante, admite-se que nenhuma entrevista seria proposta da mesma maneira que a anterior, pois as reflexões que permite vão sendo incorporadas ao processo. (LANG, 1996, pp. 35-36)

Os dados orais, colhidos em entrevistas, são elementos de grande importância, mas não se encerram neles, pois os dados orais nos remetem a objetos, fotografias e temas para as demais produções do projeto. Lidar com a história oral e com as entrevistas já é produzir a fonte, mas no nosso caso abrangemos essa produção para que ela seja encarada não

apenas como uma produção de documentos para pesquisa se encerrando aí, mas também de indícios que nos levem à outras informações pertinentes de registro: o roteiro para o segundo documentário do projeto foi estruturado a partir das entrevistas realizadas nesta segunda etapa. Fato que se dá com o ato de entrevistar, de transcrever e com as reflexões sobre estes processos<sup>5</sup>.

A constante vinculação de uma imagem negativa do MST na mídia causa certo receio dos alunos com relação às fontes produzidas – aonde essas fontes vão parar, nas mãos de quem –, são questões que fazem parte de suas preocupações e do cotidiano de professores e alunos envolvidos com o projeto. As fontes produzidas só serão destinadas para pesquisas com a autorização dos cinquenta e oito alunos que compõe a turma e dos professores e coordenadores entrevistados, e após a montagem do acervo e catalogação de toda a produção que se dará após a conclusão do último módulo do curso pela primeira turma.

As entrevistas buscam registrar as impressões de alunos, professores, coordenadores e demais indivíduos que tem alguma relação com este curso de história para os movimentos sociais do campo, a fim de registrar as mais diversas perspectivas.

São múltiplas as visões que já registramos, os relatos dessa coletividade têm suas universalidades, mas também se chocam: os depoimentos dos alunos, dos professores com os dos alunos, a nossa perspectiva com a dos entrevistados... São diversas vias que temos noção de estarmos construindo, visto que essa linguagem permite esse tipo de relação, como apontou Thompson:

A relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações. Haverá espaço para muitas espécies de história oral e isso terá muitas conseqüências sociais diferentes. No fundo, porém, todas se relacionam. (1992, p. 44)

O próprio grupo fez a seleção e indicou os alunos que seriam entrevistados, e esses alunos têm total liberdade, tanto por parte do projeto, quanto da turma, para se disporem a fazer as entrevistas. A turma indicou um grupo de dez alunos: esses se dividiram em dois grupos de cinco alunos que se revezam nos módulos para participarem das entrevistas ao longo dos cinco anos de curso. Temos um grupo de alunos indicados para serem entrevistados que contempla gênero; faixa etária; atividades docentes; setores de formação e educação e de todas as regiões do país, já que há alunos que atuam pelo movimento em todos os estados brasileiros. As figuras que compõem os setores de maior expressão do movimento e fazem parte desse universo foram preservados, não sendo indicados.

---

<sup>5</sup> As reflexões até o momento, como este trabalho, surgem de debates teóricos e a partir de reflexões feitas junto com a produção dessas fontes. Nossas reflexões podem ajudar pesquisadores futuros a compreenderem o contexto desse curso. Os relatórios entregues ao diretório do *Programa de Licenciatura* também podem ajudar neste trabalho de compreensão.

Nesta segunda etapa o projeto incorporou dois alunos do curso de História MSC, o que expressa o interesse da equipe em buscar um olhar a partir dos próprios alunos do curso que é acompanhado. Esta experiência é fortalecida quando se permite que todos envolvidos tenham a liberdade de expressarem o que querem e como querem, interferindo profundamente no processo de produção.

Para os dois primeiros módulos montamos um roteiro de entrevistas voltado para a história de vida, permitindo que as reminiscências trouxessem a trajetória de vida do entrevistado até o seu ingresso no movimento: sua vida familiar, sua educação, sua relação com a terra e como se deu seu contato e ingresso no movimento. Numa segunda parte do mesmo roteiro voltamos para a temática das impressões destes alunos com o processo seletivo, com o ingresso no curso, seu contato inicial com a UFPB e com o conhecimento histórico difundido no curso e suas expectativas em relação ao mesmo. Nesta segunda etapa, já pensando a produção do documentário, e com o interesse de centrar mais as entrevistas, optamos por registrar como é a permanência desses alunos na cidade durante o tempo-escola: cotidiano, lazer, relação com o local que reside, que lembranças ele traz de sua terra e de sua casa, ou seja, entender um universo que se desprende da sala de aula; porém essa não foi deixada de lado neste roteiro, procurou-se investigar quais as transformações sentidas pelos alunos em relação ao curso desde o primeiro módulo.

Diante dos professores que ministraram disciplinas para o curso, temos a noção que podemos obter pontos de vista diferentes que só vêm enriquecer os registros. Com estes procuramos registrar quais os seus posicionamentos políticos e sua relação com o movimento, se existe alguma. Esses relatos nos dizem sobre a organização em sala de aula, o desempenho nas respectivas disciplinas, e um vasto mundo de informações que podem emergir quando essas fontes forem interrogadas por outros pesquisadores.

Para os historiadores do Ensino de História, esse trabalho pode suprir deficiências apontadas por Thais Nívia de Lima e Fonseca, que defende que este historiador deve ir além, por exemplo, dos PCN's e dos materiais didáticos, e buscar qual é o impacto dos conteúdos históricos sobre os alunos, principalmente por meio das entrevistas de história oral. Atentamos para as práticas cotidianas tanto do espaço acadêmico, mas também do espaço fora da universidade, e para práticas que vêm elucidar a maneira pela qual uma disciplina foi recebida, o que dela despertou interesses e como ela foi aprendida. Informações que podem ser cruzadas, por exemplo, com os documentos da Coordenação do Curso de História PEC/MS, que pode fornecer a matriz curricular das disciplinas que foram e serão oferecidas, informar quais foram as disciplinas escolhidas pela turma e, estatisticamente, qual o desempenho da turma em relação às notas. As fontes produzidas pelo projeto nos dão a dimensão da relação do aluno com a disciplina, do professor com a disciplina ministrada e a relação aluno-professor dentro e fora da universidade também;

ressaltando, principalmente, o papel do aluno para a constituição de uma determinada disciplina em sala de aula.

Esses registros apontam para reflexões acerca do universo dos movimentos rurais, suas perspectivas com a educação, com a formação política e a relação com a idéia de campo, que perpassa todo o pensamento do movimento. A maior parte dos estudos até então estão vinculadas a duas perspectivas apontadas por Behar e Gomes, sendo que a construção desse acervo pode gerar uma abertura maior para produções acerca dos movimentos sociais do campo:

Grande parte das poucas reflexões existentes são, em nossa compreensão, vinculadas à perspectiva militante ou à visão oficial dos programas governamentais que as possibilitam. É nesse campo que se considera que o projeto pode contribuir para estimular, com os acervos gerados, a reflexão acadêmica sobre o ensino, sobre a realidade camponesa e sobre um outro saber, o saber inerente a tradições agrárias, ora atualizadas pela perspectiva de movimentos sociais como o MST.

Existe uma coisa em comum que se expressa fortemente nas entrevistas, que é o intenso vínculo com o MST e o desejo de difundir o ideal do movimento. Por meio dos alunos que depõem e dos professores ligados ao movimento, percebe-se esse trabalho de difusão de um passado e de depoimentos vinculados à “perspectiva militante” apontado anteriormente. Sobre cada aluno entrevistado há a imagem do MST, que eles querem e são levados a difundir, mas que também pode ser um bloqueio para que os depoentes construam uma narrativa que não esteja vinculada ao movimento; a própria fase da vida que antecede o ingresso no movimento é construída em direção ao momento em que o entrevistado ingressou no MST, isso também se deu de início pela construção do roteiro de entrevistas da primeira etapa que buscava entender como se deu o ingresso do depoente no movimento. O interesse em divulgar as ações do MST foi ressaltado principalmente quando apresentamos o roteiro para a segunda etapa de entrevistas a alguns alunos, eles manifestaram a preferência em falar de atividades voltadas mais para a produção acadêmica e para o pensamento do movimento; o que pode ser visto como um bloqueio em relatar fatos mais íntimos, ou então, que eles realmente acham mais interessante difundir a causa do grupo; com o tempo, o roteiro proposto pelo Grupo vinculado ao Projeto PROLICEN foi entendido e bem aceito, lançando um novo olhar sobre o grupo.

A produção coletiva aponta para a “criação” da idéia de pioneirismo: a visão de que esses alunos fazem parte da primeira turma de História para os movimentos sociais do campo, como se estampa nas bolsas que muito dos alunos dessa turma usam. A criação dessa identidade, aliada à identidade do movimento, busca fortalecer o coletivo: criam-se, ou celebram-se tradições que envolvem o curso e que estão ligadas ao MST, como as místicas, que a cada celebração fortalece a identidade de militantes e trabalhadores rurais.



A identidade de trabalhadores rurais não se perdeu com a *conquista* desse curso superior por parte do movimento, que trabalha para que a identidade de trabalhadores rurais sem terra não se perca, e que a luta por outras turmas para esse curso e para demais cursos superiores continue. E essa visão permeia os testemunhos orais recolhidos até então e é uma prática que Caume aponta:

O MST age material e discursivamente para que, após a conquista da terra, os trabalhadores não percam sua identidade de “sem terra” e compreendam que a “luta não chegou ao fim”. Desencadeia-se, assim um conjunto de ações que visa vincular politicamente o novo agricultor com a organização, produzindo um “lutador permanente”. (2003, p. 137)

Os depoimentos de história oral são reconstruções condicionadas não ao que o pesquisador acha importante de ser expresso durante a entrevista, mas no que o entrevistado acredita ser importante para ele. No nosso caso o entrevistado também expressa o que é importante para o movimento, são “trabalhos de produção e difusão de uma determinada memória coletiva que, portanto, está intimamente articulado a objetivos do presente e constitui expressão das lutas simbólicas pela instituição do real” (CAUME, 2003, p. 134). A própria turma internamente trabalha para isso, como já mencionado anteriormente, por meio da celebração de suas tradições, mas também pela difusão dos símbolos maiores: a bandeira e a terra. Principalmente quando da chegada da turma, viu-se pela universidade um enorme número de bandeiras do MST, e diariamente, quando da presença da turma na universidade, vemos este símbolo em camisas, bolsas e em sala de aula; e quando de algum evento importante, o grupo faz um plantio simbólico de alguma árvore, remetendo ao contato do agricultor com a terra e semeando-a. Outra característica é que o grupo possui uma *Equipe de Memória*, que visa fazer o registro interno das ações importantes. A preservação dessa memória, que vem junto com as descobertas que a disciplina História proporciona, e a possível construção de uma história que os envolvem, constitui o interesse para o grupo como forma de fortalecer as suas “histórias de lutas”.

Difícilmente uma turma desperta tanto interesse quanto essa, devido as suas especificidades. Mas qualquer turma possui suas características próprias; porém essa tem vários motivos que a fazem se destacar: possui um caráter de turma; tem uma estrutura de funcionamento única na UFPB; é fruto de uma experiência pioneira no Brasil em curso de História e seus integrantes fazem parte do MST e da CPT. Todas essas características causam uma grande exposição da turma dentro da UFPB, e isso tem causado preocupações entre esses alunos, que temem pela exposição generalizada. O problema desse destaque que a turma tem dentro da universidade relaciona-se com as imagens que são deturpadas principalmente por uma certa mídia: os envolvidos temem que, há exemplo

de outros momentos, utilizem a imagem do movimento e dos presentes nesse curso, indevidamente criando um estereótipo negativo dos movimentos sociais de luta pela terra. Esse problema também reside no fato dos alunos serem na maioria das vezes associados ao movimento, e esquecerem a dimensão humana que os iguala a qualquer estudante da universidade. O grupo e o curso tem sido alvo do interesse de diversos projetos e pesquisas, e esse assédio também é razão de mal-estar entre os integrantes do curso. Alunos e pesquisadores que buscam montar um painel do MST no Brasil e que tomam este curso como uma espécie de amostragem de todos os estados do país sem ao menos visitar os assentamentos. Essa é, por exemplo, uma das queixas por parte da turma, que, entretanto, reconhece que o Grupo de trabalho e pesquisa do PROLICEN vem desenvolvendo um trabalho sério e em diálogo permanente com os alunos do PEC/MSU. Como ressaltamos, anteriormente, a produção diversificada de fontes sobre a experiência deste curso é uma das questões que envolvem o cotidiano de nossa pesquisa, mas não é a única, estamos atentos igualmente para a utilização da imagem dos sujeitos/militantes; produzir fontes relacionadas à identidade coletiva e individual passa pelas dimensões tanto do movimento, como também das subjetividades de cada um deles. Exemplo disso é o caráter que demos aos roteiros das entrevistas de história oral e do documentário dessa etapa atual. Esse projeto já tem lugar de destaque no cotidiano dos envolvidos neste curso, principalmente no âmbito dos alunos. E nós já nos creditamos como envolvidos nele. O projeto já é convidado, não só a registrar, mas também participar de atividades de lazer, como também a contribuir na avaliação de funcionamento deste curso, como a avaliação prevista que o curso passou ao completar após dois anos de funcionamento, da qual depende a aprovação de uma nova turma, e contou com a participação de representantes dos alunos, do DH, da Coordenação do próprio curso e da Coordenação do Movimento, além das coordenadoras do nosso projeto.

Ao lançarmos um olhar sobre o tempo presente, e ao trabalharmos com certas linguagens para nossos registros, nos aproximamos do trabalho do antropólogo e do sociólogo. Se o historiador recupera, mesmo que parcialmente e dá sentido às memórias, o antropólogo “preserva” modos de pensar, agir e sentir que ele interpreta como pertencentes a uma sociedade em sincronia com ele. As informações que este transmite são fruto de um convívio entre pesquisador e pesquisados que se dá simultaneamente, informações que *a posteriori* podem servir como fontes para o estudo da história de uma dada sociedade e o entendimento das transformações que se operou: o momento registrado pelo antropólogo pode estar inserido no tempo que o historiador escolheu para seu estudo, logo o estudo antropológico, como preservação de um presente e de uma intenção, pode ser fonte riquíssima para a construção da história. Poder trabalhar para a construção da história de um grupo com que se convive é uma experiência singular para o trabalho do historiador:

Rompendo com esta concepção, que defendia a idéia do distanciamento para a realização da análise histórica, Roger Chartier sustenta argumento contrário, ao informar que, na História do Tempo Presente, “o pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história”. Por outro lado, o estudo da presença do passado incorporada ao presente das sociedades, iniciado pelos historiadores de tempo presente, abre novas temáticas e abordagens para pesquisadores de outros períodos da história. (LANG, 1996, p. 18)

Esse acompanhamento pretende se dar até a conclusão do Curso. Neste processo múltiplas possibilidades de trabalhar a história em imagens e em vozes surgem tornando esse trabalho enriquecedor. O devir do historiador aqui é com a possibilidade de tornar a história mais democrática e diversificada em suas linguagens: muda o objeto, muda-se a fonte; logo se muda a escrita e a história pode ser vista por vários ângulos. As adversidades são apreendidas para entendermos os processos da pesquisa histórica. Trabalhar com as memórias e com os sujeitos da nossa história em sincronia conosco é mexer com algo que a história tem que expressar: os sentimentos que motivam as ações dos indivíduos e que podem se tornar história em nossas mãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHAR, Regina M. Rôdrigues; GOMES, Fabrício. **Registros Históricos Contemporâneos e a parceria da UFPB com os Movimentos Sociais do Campo**. Texto apresentado no V Encontro Nordestino de História, realizado em Recife-PE. (Ainda não publicado).
- CAUME, David José. Memórias da luta e lutas pela memória. In: **História Oral**, nº 6, 2003, pp. 133-158.
- COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2003.
- FERRREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Encontro Regional de História Oral Sudeste – Sul). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. (Série eventos)
- \_\_\_\_\_; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (História & reflexões, 6)
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Encontro Regional de História Oral Sudeste – Sul). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. (Série eventos)
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Encontro Regional de História Oral Sudeste – Sul). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. (Série eventos)
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. (Biblioteca Básica).
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

## **Entrevistas:**

**Regina Célia Gonçalves**, entrevista realizada em 23 de maio de 2005. Entrevistador: Regina Behar.

**Maria Elisvania Melo da Silva**, entrevista realizada no dia 13 de junho de 2005. Entrevistadora: Regina Behar.

**Resumo:** A preocupação em preservar a memória constitui matéria central neste trabalho. Atentando para tal necessidade, o Projeto de Licenciatura (Prolicen), *Linguagens Contemporâneas no Ensino e Pesquisa de História*, procura entender o tempo e o espaço que constitui a primeira turma do Curso de Licenciatura Plena em História para os Movimentos Sociais do Campo, que começou a funcionar no segundo semestre de 2004 na UFPB. Desde então se procurou ressaltar o papel do historiador em perceber o potencial da ação dos indivíduos envolvidos neste curso – alunos, professores, funcionários e militantes. Com efeito, este projeto vem implementando a produção de fontes que dizem respeito a este curso, para além da documentação escrita, entre as quais, as fontes orais. Uma História Oral que, mais que instigar um olhar sobre o passado, busca se debruçar sobre o “tempo presente”; num espaço marcado por discursos que procuram difundir a memória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que no caso se expressa por meio da (re)construção do passado das lutas pela terra e pela implementação de cursos superiores. Um trabalho que vem ajudando o Movimento Social a descobrir que está fazendo história, e que tem muito a acrescentar às discussões que permeiam a História Oral.

**Palavras-Chave:** Prolicen, Linguagens historiográficas, Fontes, História Oral, MSC.